

Imagens Femininas: contradições, ambivalências, violências. Mulheres na região colonial italiana do Rio Grande do Sul (1875-1950)

Cleci Eulalia Favaro

Professora-Doutora Titular/1 de História
Contemporânea no curso de História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos),
São Leopoldo, RS

A questão

Se aos homens, diz Perrot (1990) foi destinado o mundo da escrita, da produção do conhecimento, da direção e do domínio das coisas públicas - daí a história oficial constituir-se numa história de homens para outros homens - coube à mulher transmitir oralmente os valores, os saberes, o cotidiano familiar e da comunidade. O progressivo acesso à leitura e à escrita, no entanto, não abriu as portas do fechado e exclusivo mundo masculino: as mulheres ficaram durante muito tempo (e, em certa medida, ainda estão) na antesala, envolvidas por um discurso considerado *menor*.

Se é a propriedade, nas sociedades modernas, o que assegura a possibilidade de participação ao nível político, e que aos proprietários sempre foi assegurado o desenvolvimento da propalada *plenitude racional*, compreende-se porque até recentemente não apenas as mulheres, mas milhões de homens permaneceram à margem dos processos decisórios e dos privilégios, que eles conferem a quem os enuncia; em suma, de quem detém o poder.

Entretanto, questionamos se realmente interessou às mulheres, a todas as mulheres (como se diz que interessa aos homens, enquanto metade da humanidade) uma efetiva participação

nas decisões econômico-políticas de amplo espectro, típicas do espaço público: se o domínio (ou predomínio) do espaço público viabiliza o exercício de um poder, este não é único, nem tão compactado, a ponto de ser impermeável à presença das mulheres.

Por outro lado, existem *poderes*, micropoderes, que, pela sua *fluides*, penetram espaços ocultos, mas nem por isso menos importantes na dinâmica das sociedades ocidentais.

Queremos crer que, dadas as circunstâncias e características que pauperaram a vida da maioria das mulheres, enquanto responsáveis pelo espaço doméstico, pela sobrevivência básica dos velhos e crianças, pela organização familiar - enfim, um mundo pequeno, mas exigente - estas viram-se progressivamente excluídas do espaço maior de poder, sem abdicar, no entanto, do exercício do poder.

O contexto

As transformações hoje observadas nos aspectos materiais da chamada Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (a partir de agora identificada pela sigla RCI) constituem-se uma clara demonstração do desenvolvimento gestado a partir dos núcleos urbanos, ainda nas primeiras décadas

do século. Um processo de expansão progressiva acabou por atingir toda a área, principalmente na segunda metade do século XX, mas não envolveu todos os espaços, nem todas as pessoas igualmente.

Embora as mulheres que participaram do intenso processo emigratório que marcou as áreas setentrionais italianas nas últimas décadas do século passado tenham assumido juntamente com os homens as árduas tarefas de *far la Merica*, nem o discurso oficial, nem a literatura, nem os *media* registram sua presença, ou, quando o fazem, parecem não avaliar condignamente seu papel.

Quando o objeto de análise são as mulheres de um determinado recorte sociocultural, majoritariamente originárias de uma área geográfica específica (enquanto imigrantes) ou delas descendente, como ocorreu na RCI, é necessário resgatar, primeiramente, os traços culturais característicos da área de origem, para depois tentar reconstituir os mecanismos e os recursos utilizados pelo grupo social com vistas à sua manutenção, renovação ou supressão, paralelamente às contribuições adquiridas por contato com outras culturas e aquelas construídas a partir de novas necessidades e circunstâncias.

Especificamente no que se refere às populações estabelecidas na RCI um componente significativo das chamadas mentalidades coletivas merece destaque: trata-se do caráter messiânico - e, mais do que messiânico, providencial - dos povos oriundos da Península Itálica, caráter esse marcado há séculos em seu imaginário social, em virtude dos efeitos duradouros do poder e do papel exercidos pela romanização sobre as mais diferentes sociedades, desde a Antiguidade Clássica. A partir

desta visão, *far la Merica*, mais do que a busca de melhores condições de vida, era uma missão, um compromisso, até mesmo um dever, discurso ideológico que motivou, entre outros temas, milhares de imigrantes a transpor os mares e oceanos, ainda no século XIX, em direção a outras terras, inclusive o Rio Grande do Sul.

A partir da coleta e posterior análise de inúmeros depoimentos e da própria trajetória do processo de povoamento e desenvolvimento da RCI, como não buscar entender as formas de representação do *eu* entre as mulheres que povoam o cotidiano daquelas comunidades? Condiionadas a desempenhar papéis que nem sempre se adequavam à sua índole, à sua personalidade, impedidas do exercício de suas habilidades e potencialidades naturais e pessoais, cerceadas em seus anseios e aspirações, em função dos interesses maiores do grupo social-familiar a que pertencem por nascimento ou casamento, quantas delas, numa retrospectiva histórica da própria vida, não gostariam de ter sido diferentes, realizado coisas diferentes, vivido situações diferentes das que viveram?

Faz-se necessário considerar que a família, enquanto um conjunto de pessoas ligadas por laços de sangue, parentesco ou dependência, estabelece entre si relações de solidariedade e tensão, conflito e afeto. Diferentemente das construções idealizadas, idílicas, não se trata, como refere Bruschini (1990), de um grupo "*harmonioso e sereno*", voltado apenas para a satisfação de necessidades econômicas, mas sim de uma unidade composta de indivíduos de sexos, idades e posições diversificadas, que vivenciam um constante jogo de poder que se cristaliza na distribuição de direitos e deveres.

A proposta

E no interior desta realidade social, portanto, que se inserem nossas preocupações com a condição das mulheres, mais especificamente com as mulheres velhas, nascidas em território italiano ou na própria RCI, ainda nas primeiras décadas do século atual. Mulheres que estiveram - e ainda estão - ligadas a um grupo familiar, seja aquele de origem, o de adoção através do casamento ou aquele que constituíram a partir das sucessivas gestações.

Este é o eixo norteador a percorrer toda a extensão de nossa proposta de trabalho, visando demonstrar, primeiramente, que é impossível pensar as mulheres sem referenciá-las no contexto de uma estrutura social e familiar, ao menos até a segunda metade do século XX.

Visando explicitar o modo como se encontra estruturado o trabalho, sugerimos uma figura piramidal invertida: a partir de uma abordagem ampla, tanto no tempo como no espaço (embora relativa e intencionalmente superficial e condensada), o desenvolvimento do primeiro capítulo tem como objetivo realizar uma incursão ao tema da presença e das formas de atuação das mulheres em diferentes sociedades da Europa Ocidental, desde os tempos pré-históricos até os umbrais do século XIX.

As mulheres - embora tenham gradativamente perdido espaço naquelas sociedades, a partir da instituição progressiva da propriedade privada dos bens e de sua delegação em mãos masculinas através do sistema sucessório e da transmissão de heranças - continuaram, no entanto, a exercer papéis sociais e a executar trabalhos em nível paralelo ao da maioria dos ho-

mens, mesmo que socialmente desvalorizados, sendo, ao menos no discurso, relegadas e restringidas ao espaço doméstico-familiar.

A fórmula encontrada para compensar tais perdas teria decorrido da apropriação progressiva de um poder (ou poderes) no interior do grupo familiar pela mulher mais velha, a mãe, poder exercido direta e constantemente sobre todos os membros da família. Esta situação de poder feminino gerou temor e desconfiança, constituindo-se em fator alimentador de um medo tal, que reverteu, no ideário coletivo, na criação de mitos, ritos e tabus restritivos, com vistas a exercer controle e, se possível, imobilizá-las, como forma de exorcizar o medo.

Diante da realidade, teriam sido desenvolvidas pelas mulheres as mais variadas estratégias de sobrevivência, evitando, porém, o confronto provocado pela quebra ostensiva dos padrões e normas comportamentais socialmente estabelecidos.

Embora progressivamente desprestigiado e mantido à margem da economia familiar, o trabalho feminino, no entanto, constituiu-se em recurso válido em todas as famílias, em todas as épocas, especialmente entre as camadas mais desfavorecidas da população européia. Mesmo em desvantagem, à sombra do poder masculino, tal condição ambivalente teria permitido - ou até provocado - a emergência de um certo poder doméstico, exercido, no entanto, com outras linguagens e outros recursos.

A maternidade, por exemplo, embora colocada à disposição da vontade e dos interesses de grupos e sociedades organizados e regidos por homens (cujos direitos incluíam também o de administrar o corpo feminino), encontrou no espaço da família, na

Combates & Rituais

relação mãe-filhos, uma fonte geradora e alimentadora do poder das mulheres, apesar dos perigos que representava para a supremacia masculina.



Sob a supervisão e o controle da mãe, não há limite de idade para o trabalho na pequena unidade familiar rural. Caravaggio, Caxias do Sul, aprox. 1912. Acervo fotográfico. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Reprodução: Júlio Cesar Soares.

Maternidade e trabalho, portanto, teriam se constituído, ao longo dos séculos, na base de sustentação do poder feminino doméstico.

No segundo capítulo, o enfoque é dirigido para a região de proveniência da maioria das populações que ocupou a RCI, a partir de 1875. Visando o desenvolvimento dos capítulos subsequentes, tal abordagem prende-se à necessidade de reconstituir, ainda nas

áreas expulsoras da Itália Setentrional, as condições de vida, e, por extensão, os valores e visão de mundo daquelas sociedades rurais-tradicionais (maioria constitutiva dos contingentes emigrados, embora não exclusivamente de agricultores).

O objetivo maior é o de buscar no *modus vivendi* daquelas sociedades as raízes da presença e, não raras vezes, do recrudescimento de determinados comportamentos sociais e familiares, presentes desde o início do processo de ocupação dos lotes coloniais, no Rio Grande do Sul.

O terceiro capítulo foi desenvolvido a partir de um triplo enfoque, visando buscar comprovação para nossa afirmação básica de que, apesar do ritmo acelerado imprimido às transformações na instância econômica das sociedades, não ocorre necessariamente uma sincronia com o pulsar das mentalidades coletivas. Em outras palavras, visamos demonstrar, através do estudo de uma área específica (a Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul), e de um tempo relativamente longo (1875-1950), que as estruturas e a mentalidade das sociedades demoram muito mais para sofrer modificações do que as instâncias econômica e política, daí o descompasso e as naturais ambigüidades do processo histórico por elas vivenciado.

Os cortes cronológicos justificam-se na medida em que, de acordo com a opinião da maioria dos autores que dedicam seus estudos à região em referência, a segunda metade do século XX representa uma fase de profundas transformações no sistema produtivo local/regional, acarretando a absorção de milhares de trabalhadores no setor secundário, inclusive do sexo feminino.



Brunidoras (polidoras de peças de metal) em trajés domingueiros diante da antiga funilaria de Abramo Eberle & Cia. Caxias do Sul, 1909.
Acervo Fotográfico Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.
Reprodução: Júlio Cesar Soares.

Dado que as condições de ocupação e assentamento nos lotes coloniais não corresponderam, em absoluto, às suas expectativas, tornou-se imprescindível a construção (melhor, a retomada) imediata de um corpo ideológico suficientemente coeso, compacto e conhecido, destinado a dar sustentação e objetivo às novas comunidades em processo de formação, no sentido de enfrentar as vicissitudes daquele momento histórico.

Coube às mulheres a tarefa de assegurar a sobrevivência moral e psicológica do grupo. Pouco instruídas, em sua maioria voltadas para o exercício de uma carga de trabalho extenuante, tiveram nos homens seus porta-vozes. Obtendo espaço de expressão, fizeram-no com discursos masculinos.

Nesta perspectiva, tornou-se necessário analisar o teor de tal discurso,

veiculado ao longo do período em estudo, tanto por jornais e periódicos de variadas tendências como pelo clero católico.

Visando reconstituir o quadro ideológico destinado a dar sustentação à organização das diferentes comunidades da RCI, a análise das referidas fontes documentais foi direcionada no sentido de responder a três questões básicas: o que é dito sobre as mulheres; o que é dito para as mulheres; o que é dito pelas mulheres.

No quarto e último capítulo, pretendemos revelar, enfim, a voz e a fala femininas. Diante da proposta, nada mais adequado do que o recurso à história oral, na modalidade de histórias de vida. No processo de registro de depoimentos de dezenas de mulheres velhas, buscamos em seus relatos, em sua linguagem simples (misturando o

Combates & Rituais

português com o dialeto característico da região), as formas de ver o mundo e a si próprias, seja no interior da família, seja do grupo social.

Mulheres responsabilizadas pela reprodução da força de trabalho imprescindível ao desenvolvimento das comunidades imigradas, tolhidas muitas vezes em seus objetivos pessoais em benefício do grupo familiar, viram a região transformar-se ao longo do tempo, diante do grande desenvolvimento econômico resultante da implantação do modelo de industrialização adotado.



Divisão sexual do trabalho fabril. Seção de banhos em metal. Interior da fábrica Abramo Eberle & Cia. Caxias do Sul, 1925. Acervo Fotográfico Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Reprodução: Júlio Cesar Soares.

Ao coincidirem os últimos anos de vida com as profundas mudanças por que vêm passando as comunidades que compõem a RCI - conseqüentemente, a própria estrutura e dinâmica familiares e no seu interior, o papel social tradicional atribuído às mulhe-

res - a oportunidade de se sentirem vivas, de ouvirem a própria voz, de serem ouvidas, portanto, valorizadas, representou um espaço único para estabelecer uma relação pessoal entre passado e presente, entre o *eu* e o *nós*, entre o desejado e o realizado, e, para muitas, quem sabe, ainda a realizar.

Apesar da cantilena em torno do binômio maternidade-trabalho ser uma constante, no discurso daquelas mulheres idosas revela-se a consciência da individualidade, da singularidade: o *eu* existe, pulsante, embora a máscara representada pelo *nós*, *mulheres italianas*, impingida ou auto-imposta pela educação, esteja ainda colada à imagem que tem de si mesmas, no processo de resgate da memória de cada uma.

Este conflito interior, esta justaposição sem integração, *este querer ser e ser o que os outros querem*, é o que demonstra, em última análise, que a figura da chamada *mulher italiana* do Rio Grande do Sul - enquanto construção do e no imaginário social - não existe.

Estamos conscientes de que a estrutura, o método e os recursos utilizados na elaboração deste trabalho não seguem os padrões convencionais. Por outro lado, também os estudos sobre a problemática feminina se constituem em proposta não-convencional, no conjunto da pesquisa historiográfica. Acreditamos, no entanto, estar contribuindo de alguma forma para alargar as discussões em torno da temática das mulheres, da construção de uma metodologia de pesquisa e, porque não, da própria história das comunidades de origem étnica italiana do Rio Grande do Sul.